

**Memória fragmentária, escrita fragmentária. Sobre Nadine Werner:
*Archäologie des Erinnerns. Sigmund Freud in Walter Benjamins Berliner Kindheit***

Wolfgang Bock

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

wolfbock@yahoo.de

Tradução: Arthur Guerra

A relação de Walter Benjamin com a psicanálise não é simples. Ele discute, de fato, em seu ensaio tardio *Sobre alguns temas em Baudelaire*, de 1939/40, a construção freudiana de *Além do Princípio de Prazer* e *Uma nota sobre o bloco mágico*, na qual ocorreria *ou* uma recordação *ou* uma conscientização; a ocorrência de ambas simultaneamente, porém, não seria possível. Benjamin, no entanto, estende no conjunto este processo ao Eu como instância sintetizante, onde Freud fala sobre consciência apenas no contexto do córtex cerebral como proteção aos estímulos; o que ocorre, por outro lado, com os impulsos do interior, não foi considerado. Aí tornou-se claro um modo de leitura que refere-se a Freud, mas cujos conceitos foram – para dizer amigavelmente – extraviados de seu contexto. A comprovação das leituras iniciais de Freud por Benjamin se constrói ainda mais dificilmente. Por um lado, encontram-se cinco títulos em sua *Lista de textos lidos (Verzeichnis gelesener Schriften)*; por outro lado, a primeira parte da lista está desaparecida – ela se insere nos anos de 1916/17 apenas com o número 461. As leituras dos anos anteriores (presumivelmente 1912-1916) não se conservaram. Deve-se, porém, também assumir aqui que Benjamin se apropria das imagens de pensamento de Freud e isso também novamente no sentido de apoiar suas próprias reflexões, em especial sobre o complexo da memória e do choque.

Nadine Werner dedica-se, em seu trabalho, ao complexo do livro de *Infância* de Benjamin. Este abrange os dois textos: *Crônica Berlimense (Berliner Chronik)*, de 1932 e *Infância em Berlim por volta de 1900 (Berliner Kindheit um Neunzehnhundert)*, em diferentes composições nos anos de 1932/33 e até 1940, bem como seus respectivos materiais; as primeiras partes apareceram já em *Rua de mão única [Einbahnstraße]*, de

1928). Benjamin não conseguiu em vida uma publicação dos textos na forma de livro. A pesquisa, até o presente momento, partiu do princípio de que ele já inicialmente, em *Crônica berlinense*, ligou claramente suas próprias recordações com reflexões da teoria da memória. Estas foram removidas, então, nas outras revisões de *Infância em Berlim* em favorecimento de um aprofundamento da relação com os objetos, como a *caixa de leitura*, a *maçã assada* ou as *borboletas*. Uma teoria da memória é revelada principalmente no pequeno texto *Desenterrar e Recordar* de *Crônica berlinense* (GS VI, p. 486-487). Nadine Werner mostra, então, instrutivamente, que também as outras reflexões sobre a teoria da memória encontram sua entrada no novo *Infância*. Ela consegue demonstrar, com base nos complexos *Hallescher Tor/Winterabend* e *Pfaueninsel und Glienicke (Blumeshof 12, Zwei Blechkapellen)*, especialmente no desenvolvimento preciso e sinótico da metáfora arqueológica freudiana do desenterrar e na compreensão em Benjamin, que grande parte das respectivas reflexões também foram adotadas para os escritos posteriores. Caso o editor das *Obras Reunidas (Gesammelten Schriften)*, de 1985, assume $\frac{2}{5}$ de convergência, ela demonstra, então, que a convergência adotada nos novos textos é consideravelmente maior, a saber, de ao menos $\frac{2}{3}$. O material, portanto, não foi perdido, ele mesmo foi reescrito.

Ela consegue fazer isso devido aos abrangentes materiais do *Benjamin-Archiv* em Berlim, onde atua como colaboradora científica, e que estão disponíveis a ela. Alguns desses manuscritos foram impressos como fac-símile e transcrições em seu livro belamente organizado. Além disso, juntamente com Burckhardt Lindner, falecido em janeiro de 2015, a autora conta como responsável pela nova edição no prelo do *Infância em Berlim*: como 11º volume da *Edição crítica completa das obras e espólios (Kritischen Gesamtausgabe Werke und Nachlass)*, formada por 21 volumes, dos quais até agora sete foram publicados. Lindner trabalhou até a sua morte em uma compilação de todas as referências de Benjamin sobre Freud; uma parte dela apareceu no pequeno volume *Träume* pela editora Suhrkamp já em 2008. Nadine Werner publicará em breve as partes restantes (Lindner, *Benjamins Transformationen der Psychoanalyse. Eine Rekonstruktion*, Berlin: Kadmos). Além disso, ela participou com competência da composição do *Benjamin-Handbuch* (Stuttgart: Metzler 2011).

Essa competência é percebida em cada parte de seu próprio livro. Ela discute as passagens profundamente, quase meticulosamente, nas quais Benjamin se refere a Freud e ambos se referem metaforicamente à arqueologia. Para isso, ela se orienta na

tese de que Benjamin teria realizado em seus escritos, no início dos anos 30, uma transição da literatura para o contexto imagético-estético: em direção às famosas *imagens de pensamento* como uma forma de escrita em que, ao lado da narração, um elemento representativo desempenha um papel cada vez maior também na demonstração. Werner guiou-se através de grande parte da literatura acadêmica, tanto que seu livro foi publicado como uma espécie de versão monográfica do *Benjamin-Handbuch* para o *Infância em Berlim por volta de 1900*. Ela mantém seu alto padrão e explica lucidamente não apenas Benjamin através de Freud, mas também Freud através de Benjamin.

Dessa forma, torna-se claro que Benjamin não se relaciona apenas com Proust e Bergson quando escreve sobre a memória e, escrevendo, se recorda como representante de sua geração. Ele refere-se igualmente a Freud, quando, voluntariamente faz a ele reverência. Tendo Benjamin já se ocupado, à sua maneira, com a pulsão de morte em seu livro sobre o barroco de 1925/28, sua interpretação da metáfora da memória e da respectiva teoria em Freud se baseia nos conhecimentos que este último expôs em *Interpretação dos sonhos*. Depois, como se sabe, o latente conteúdo onírico se retrai quando o conteúdo manifesto é apontado. Diferentemente de Freud, o interesse de Benjamin vai em direção à poesia, primeiramente à poesia universal romântica, depois às tentativas de Marcel Proust e os surrealistas. Nesse sentido ele está, em sua teoria, ao menos tão próximo de Arthur Schnitzler quanto de Georg Groddeck e Sandor Ferenczi. Esses últimos, porém, sem nomeá-los.

Nadine Werner, *Archäologie des Erinnerns. Sigmund Freud in Walter Benjamins Berliner Kindheit*, Göttingen: Wallstein 2015, Gebundene Ausgabe: 390 Seiten, 34,90€, ISBN-10: 3835317288, ISBN-13: 978-3835317284 (Kindle Edition 27,99€)

Recebido em 15/05/2016

Aprovado em 25/05/2016